



42

REVISTA
PORTUGUESA
DE
HISTÓRIA

COIMBRA 2011

Nota Introdutória

A Faculdade de Letras, criada em 1911, herdou saberes e docentes da Escola de Teologia. Nome maior desse legado foi o do Doutor António de Vasconcelos. O seu conhecimento e gosto levaram-no a reger e a incentivar, nesta nova Faculdade, a criação de diversas disciplinas no âmbito da História. Do mesmo modo, tendo desde logo assumido a Direcção da Faculdade, viu-se também à frente do Instituto de Estudos Históricos que lhe estava agregado, no qual se desenvolvia toda a investigação produzida na Escola. Caminharam, porém, as diversas secções da Faculdade para uma especialização e criaram institutos próprios das suas áreas de competência, acabando o Instituto de Estudos Históricos por se restringir apenas à História. Deste foi também Director o Doutor António de Vasconcelos e, depois da sua jubilação, tendo já então este Instituto mudado a sua sede do Arquivo para a Faculdade, foi-lhe mesmo dado o seu nome.

Compreende-se, claramente, pela brevíssima nota enunciada, que faça todo o sentido que a *Revista Portuguesa de História*, fundada em 1941, como se dá conta na evocação aqui inserida, e órgão científico do Instituto de História Económica Social, herdeiro do Instituto de Estudos Históricos Doutor António de Vasconcelos, dedicasse ao estudo da ciência histórica e à vida universitária este número de 2011. Ano em que, numa convergência de efemérides, a Faculdade atinge cem anos de vida, a Revista cumpre setenta anos de existência e se passam as mesmas sete décadas sobre o desaparecimento do Doutor António de Vasconcelos.

Um conjunto maior de trabalhos publicados neste volume da *Revista Portuguesa de História*, em que colaboram nove especialistas, quatro deles estrangeiros, dedica-se à historiografia, contextualizada em diversas instituições universitárias e académicas.

Um outro, integrado por três especialistas, evoca o percurso da Faculdade de Letras e faz emergir a figura do Doutor António de Vasconcelos, primeiro Director da Faculdade, Director do Arquivo da Universidade e também Presidente da Academia Portuguesa da História.

Ainda um terceiro núcleo de artigos de quatro historiadores traça o panorama de várias disciplinas e áreas científicas que foram ensinadas na Faculdade, essencialmente no âmbito da História.

Privilegia-se, pois, neste volume, o conhecimento e transmissão de uma memória e de uma identidade institucional, fundada em mestres e saberes.

Um estudo sobre o longo devir de seis décadas de História na Faculdade de Letras abre, então, o número 42 da *Revista Portuguesa de História*. Nele se referem docentes, obras, disciplinas e conteúdos científicos, que nos dão a conhecer os cânones metodológicos e os pressupostos conceptuais da ciência histórica investigada e ensinada na referida Faculdade.

Recuando no tempo e alargando o espaço, dois artigos enquadram a História e os historiadores em Oitocentos. Um deles centra-se sobre essa figura maior que é Alexandre Herculano. Partindo do paradigma de cientificidade e procura da verdade histórica que esse estudioso defendia, traça o seu percurso de pesquisa, recolha e selecção de pergaminhos e o seu vasto labor heurístico, que o levaram à concretização de um precursor e vasto projecto de edição documental. Apresenta-se no outro o perfil do “historiador português” de Oitocentos, período em que se destacam grandes Mestres, mas pouco se faz notar o sentido de Escola.

Revela-nos um subsequente artigo a ambiência da criação da Faculdade de Letras do Porto, em 1919, que se interliga com a “questão académica” vivida na Universidade de Coimbra depois da queda da Monarquia do Norte, e os marcos da sua actividade até ser extinta pela ditadura em 1928.

Recentrando-nos na Faculdade de Letras, e em particular no Curso e docentes de História, entrevemos, em seguida, o seu relacionamento com outros professores e Escolas. Uma análise do percurso de vida e obra de Sanchez Albornoz ilustra-nos o biunívoco conhecimento da historiografia portuguesa na produção daquele medievalista e o impacto dos seus estudos nos historiadores de Coimbra. Apercebemo-nos igualmente, através de outro artigo, dos constantes e profícuos elos científicos entre a Faculdade de Letras e a Faculdade de Direito.

O conhecimento de instituições académicas similares estrangeiras e um olhar exterior da produção historiográfica portuguesa se nos oferece em três trabalhos. Um deles aborda a temática da institucionalização dos estudos históricos em Espanha entre 1900 e 1936, acentuando as mudanças operadas em relação ao século precedente. Percorrem-se nele planos de estudo, historiadores, reformas universitárias, formação de núcleos de investigação e influências historiográficas, que nos possibilitam frutuosaos exercícios de comparatividade. Traz-nos um outro artigo o olhar de um historiador francês sobre a historiografia portuguesa que se debruça sobre a problemática da formação do reino de Portugal, inserindo-a numa reflexão mais ampla sobre a emergência política de uma nação, no contexto da Europa ocidental em tempos medievais. Ainda um terceiro estudo disserta inicialmente sobre o sentido e função do conhecimento

histórico no quadro das evoluções geracionais e sociais e sobre a polissemia do termo História, para nos traçar em seguida o itinerário da historiografia produzida no e sobre o Brasil nas duas últimas centúrias, em particular na segunda metade do século XX.

O segundo conjunto de artigos que compõe esta Revista abre com um estudo que sublinha o notável protagonismo do Doutor António de Vasconcelos como primeiro Director da recém-criada Faculdade de Letras, especialmente como criador de um programa que norteará as futuras lideranças da mesma pelo menos até 1974. A atenção dada por António de Vasconcelos à construção do novo edifício da Faculdade de Letras é sublinhada num outro artigo que recorda também o Reitor Mendes dos Remédios, como especialista da História da Literatura, e a contratação de professores estrangeiros que se distinguiram na área da Filologia. No final da sua existência, António de Vasconcelos foi distinguido com a nomeação para Presidente da Academia Portuguesa da História. O estudo onde este facto é relatado evidencia igualmente o apreço e o respeito que os Académicos tributavam ao Professor de Coimbra uma vez que só nomeiam um novo Presidente quatro anos depois da morte de António de Vasconcelos ocorrida há exactamente 70 anos.

O último grupo de trabalhos inicia-se com um artigo que sintetiza as vicissitudes por que passou o ensino da Paleografia na Faculdade de Letras de Coimbra, desde 1911 até à actualidade, salientando a importância que tiveram neste domínio os Professores Torquato de Sousa Soares e Avelino de Jesus da Costa, em especial este último, na constituição de um corpo de docentes e investigadores dedicados à Paleografia e Diplomática e à História Medieval. Segue-se um estudo que, por um lado, revisita os programas de História Medieval e europeia na mesma Faculdade desde a docência do fundador da Revista Portuguesa de História, em 1941, até aos nossos dias; por outro, procura estabelecer comparações entre os vários programas da referida cadeira leccionados nas diversas universidades portuguesas com vista a facilitar uma reflexão crítica sobre o tema em apreço. A análise dos programas de História da Expansão Ultramarina leccionados em Coimbra de 1911 a 1974 permitiu, num outro trabalho, observar que a “tradicionalidade” dos Mestres de Coimbra residiu mais na “utilidade (política) da história que ensinavam do que na ignorância dos novos objectos e métodos historiográficos”. Recorrendo igualmente aos programas apresentados pelos docentes da cadeira de História da Educação leccionada na FLUC entre 1930-1974, um outro artigo traça as principais linhas da evolução da referida cadeira e da sua importância na formação de professores.

Este conjunto de trabalhos, que retratam, com fidedignidade, muito do que foi a acção científica, cultural e pedagógica da nossa Escola durante 100 anos leva-nos, mais abrangentemente, a convocar, o documento fundacional da *Alma Mater*, de 1 de Março de 1290. Concluiremos, assim, em memória identitária presentificada, reescrevendo as palavras sempre perenes de D. Dinis: “Scientiae thesaurus mirabilis qui dum plus dispergitur incrementum maioris suscipit ubertatis”, ou seja, “Tesouro admirável da ciência que na proporção em que se espalha recebe incremento de maior fecundidade”.

As coordenadoras científicas do volume
Maria Helena da Cruz Coelho
Maria Teresa Nobre Veloso